



LETRAMENTO DIGITAL EM TEMPOS DE PANDEMIA: UMA PROPOSTA DIDÁTICA NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

Fabiana Martins de Freitas¹
Jacinta Antônia Duarte Ribeiro Rodrigues²
Simone Dália de Gusmão Aranha³

RESUMO

O presente artigo objetiva investigar como as tecnologias, a partir da mediação docente, podem facilitar o aprendizado, colaborando para o letramento digital do aluno e na consolidação do conhecimento em tempos de pandemia. A pesquisa, caracterizada como uma pesquisa-ação, seguiu uma abordagem qualitativa. Os sujeitos participantes deste estudo são 15 alunos de uma turma de 4º ano do ensino Fundamental, oriundos de uma escola pública localizada no interior da Paraíba. Para aplicação da pesquisa-ação, elaborou-se uma proposta didática, que consistia em um trabalho de pesquisa na internet para os alunos, tendo como tema a ser explorado o coronavírus. A proposta utilizou o aplicativo *WhatsApp* como meio de envio de atividades aos alunos. A pesquisa foi aplicada no mês de julho de 2020, época em que o ensino remoto foi uma realidade vivenciada no país. O estudo revelou que o uso da internet e a mediação do professor podem trazer benefícios significativos para o aluno, uma vez que o planejamento didático apropriado no uso dessa ferramenta é um caminho norteador para a navegação em ambientes digitais.

Palavras-chave: Letramento Digital, Tecnologias digitais, Ensino remoto, Proposta Didática, Ensino Fundamental.

INTRODUÇÃO

A pandemia, ocasionada pelo novo coronavírus, trouxe consequências sem precedentes para todos os setores sociais. O cenário educacional também foi fortemente afetado, tendo que mudar sua rotina organizacional para viabilizar a continuação dos estudos, resultando no que, atualmente, chamamos de ensino remoto.

De acordo com Ribeiro (2020), o ensino remoto é uma alternativa de transposição urgente e inesperada de aulas/conteúdos presenciais para ambientes digitais. As instituições escolares tiveram que adotar essa modalidade de ensino em decorrência da necessidade de distanciamento social imposta pela pandemia.

O modelo do ensino remoto pode ser visto como uma quebra de paradigma para o sistema educacional, pois, com a chegada do coronavírus, as escolas não tiveram outra opção, senão, fechar as portas para evitar a presença física e abrir “outras portas” para um novo sistema de ensino mediado pelas tecnologias digitais.

¹Mestranda do Programa de Pós-Graduação de Formação de Professores da Universidade Estadual da Paraíba-UEPB/PPGFP/Campus I, fabiana--17@hotmail.com

²Mestranda do Programa de Pós-Graduação de Formação de Professores da Universidade Estadual da Paraíba -UEPB/PPGFP/Campus I. duartejacinta545@gmail.com

³Professora Associada da Universidade Estadual da Paraíba-UEPB/PPGFP/Campus I. simone.dalia@yahoo.com.br



Se antes a escola apresentava dificuldades para inserir aparatos digitais na rotina das aulas presenciais, com a instauração da pandemia no país e no mundo, essas dificuldades foram desconsideradas, sendo necessário recorrer a tais meios para manter o funcionamento da rede de ensino. A realidade quanto à adoção do ensino remoto não ofereceu tempo para apreciar os aspectos que permeiam o espaço escolar, apenas viabilizou um caminho possível para que os prejuízos no aprendizado do aluno fossem amenizados.

Aspectos como inclusão/exclusão digital, políticas públicas para acesso às tecnologias, formação docente, realidade escolar quanto ao uso de ferramentas digitais em seu interior e outros não foram levados em consideração em função da urgência em se distanciar, socialmente, e se aproximar, virtualmente, para manter o ensino. Essa realidade, que demanda a soma de força de toda comunidade escolar, embora não contemple todo o público estudantil, foi um dos meios para evitar o adiamento total das aulas.

Nesse sentido, os inúmeros paradigmas que estão sendo quebrados no cenário educacional, mesmo que não se levem em consideração alguns aspectos sociais, podem ser vistos, também, por uma ótica positiva, uma vez que enaltece o uso das tecnologias digitais como mediadoras no processo de ensino e viabiliza um caminho possível para o letramento digital do aluno e, até mesmo do professor, dentro de suas possibilidades.

Ao considerar essa nova realidade, vivenciada no cotidiano atual por discentes e docentes, o objetivo deste estudo é investigar como as tecnologias, a partir da mediação docente, podem facilitar o aprendizado, colaborando para o letramento digital do aluno e na consolidação do conhecimento em tempos de pandemia.

Justificamos o interesse nesse campo de estudo por compreender a importância do uso das tecnologias digitais no contexto escolar, sobretudo, nesse período de pandemia, em que as escolas ficaram impossibilitadas de oferecer o ensino presencial, como é feito de costume. Assim, tornou-se necessário analisar a influência do uso das ferramentas tecnológicas no âmbito educacional, levando em conta as possibilidades que elas oferecem para o processo de ensino-aprendizagem, mesmo no período de distanciamento do espaço físico escolar.

Para possibilitar a discussão em torno da temática explorada, o presente artigo foi dividido em cinco tópicos. O primeiro corresponde a esta introdução. A seguir, faremos um breve levantamento teórico em torno do letramento digital e do uso das ferramentas digitais no ensino. No terceiro tópico, apresentaremos a metodologia, como este estudo foi desenvolvido. No quarto, apontaremos os resultados e discussões da pesquisa aplicada e, por fim, as considerações finais.



LETRAMENTO DIGITAL E O USO DA *INTERNET* COMO MEIO DE ENSINO

O atual cenário mundial, ocasionado pelo novo coronavírus, desafiou todo o campo educacional a se reinventar e incorporar, em sua realidade, o uso das Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDIC) como ferramentas que auxiliam nas práticas mediadoras docentes nesse período.

Dessa forma, o letramento digital de professores e alunos tornou-se imprescindível para a obtenção de êxito nesse processo e reavivou o compromisso da escola em “dentre outras atividades, promover, aos seus alunos, o acesso e o desenvolvimento do letramento digital” (ARANHA; NASCIMENTO, 2014, p. 1242). Nessa perspectiva, de acordo com Zacharias (2016, p. 17),

As escolas precisam preparar os alunos também para o letramento digital, com competências e formas de pensar adicionais ao que antes era previsto para o impresso. Sendo assim, o desafio que precisamos enfrentar é de incorporar ao ensino da leitura tanto os textos de diferentes mídias (jornais impressos e digitais, formulários *online*, vídeos, músicas, sites, *blogs*) quanto formas de lidar com eles.

Para ampliar a compreensão sobre letramento digital, é necessário que façamos uma análise sobre o conceito de letramento, este que é defendido por Soares (2002) como as práticas sociais de leitura e escrita e a consequência destas na sociedade. Partindo dessa compreensão, infere-se que o letramento não se volta apenas para o ato de ler e escrever, mas do agir socialmente no meio em que se vive, a partir destas práticas.

É importante compreender que a atividade de leitura não deve ser concebida como uma ação mecânica de decodificação ou repetição, mas como “produto de interação entre leitor e o texto” (ZACHARIAS, 2016, p. 19). Na visão de Coscarelli (2016, p. 63), a prática de leitura pode ser descrita como “a construção de sentido a partir de um texto e como sendo um processo que envolve habilidades, estratégias, e que deve levar em conta aspectos socioculturais, como a situação de leitura, o objetivo, o leitor, o texto e a autoria, entre outros”.

Nesse ponto de vista, podemos afirmar que as possibilidades de leituras foram, visivelmente, ampliadas através do surgimento das tecnologias digitais, exigindo do leitor novas habilidades e estratégias para essa finalidade. Assim, as tecnologias contemporâneas passaram a cobrar da sociedade, e, conseqüentemente, da escola um novo tipo de letramento, denominado de letramento digital.

Apesar das diversas adjetivações e categorias que o termo letramento vem recebendo, em função das demandas que vão surgindo, o que elas têm em comum é o fato de o sujeito ser capaz de atuar, através das práticas de ler e escrever, na sua realidade; e o que essas adjetivações trazem de inapropriado. Segundo Ribeiro (2009), é um certo incômodo relacionado ao fato de



que o termo letramento deveria, por si só, ser amplo o suficiente para contemplar todo tipo de uso de leitura e de escrita.

A esse respeito, Ribeiro (2020) ainda defende que, embora existam críticas a essa variedade de adjetivos, como letramento literário, letramento acadêmico e tantos outros, quando citamos letramento digital, nos referimos a uma forma de especificar um tipo de letramento que acontece por meio da tecnologia digital, relacionado ao “meio” que se usa para desempenhar determinada função.

Para além das adjetivações, devemos compreender o letramento, na sua totalidade, como “uma prática social, isto é, mais do que uma tarefa escolar ou uma demanda localizada, trata-se de um fazer ou de um participar da vida em sociedade” (RIBEIRO, 2012, p. 1) e o letramento digital como “o domínio (ou não), pelo leitor, dos gestos e das técnicas de ler e escrever em ambientes que empregam tecnologia digital” (RIBEIRO, 2009, p. 26).

Quanto às variadas subcategorias de letramento, estas não devem ser compreendidas na perspectiva de banalizar os demais tipos de letramentos, mas como especificações de práticas de leitura e escrita que acontecem em diversas esferas sociais, para além das demandas escolares.

Os letramentos, sobretudo o digital, estão presentes na sociedade e se consolidam a partir das diversas práticas do sujeito. Porém, é atribuída à escola a função de proporcionar aos alunos situações em que os letramentos estejam presentes. Por isso, de acordo com Ribeiro (2009, p. 32), “o letramento digital pode acontecer por meio de agências as mais diversas, independentemente da escola. Mas também a escola pode ser uma das agências fundamentais desse tipo de letramento”.

Para que a escola possa viabilizar o letramento digital do aluno, há de contar tanto com aparatos tecnológicos no seu espaço físico viabilizando o manuseio do aluno a estes; quanto com a formação continuada docente, fator imprescindível para obter êxito nesse trabalho.

A necessidade de dispor desses fatores para atingir o letramento digital sempre foi do conhecimento de todos. Entretanto, somente na pandemia e na exigência do ensino remoto, as tecnologias passaram a fazer parte, efetivamente, da dinâmica do ensino. O ensino remoto é uma realidade atípica na Educação e foi sua urgente implantação que fez emanar debates mais frequentes acerca do uso da internet como meio para o cumprimento das atividades a distância.

As diversas possibilidades de ensino e de aprendizagem que são oferecidas através das TDIC podem e devem ser utilizadas para provocar no aluno seu senso crítico e sua capacidade de intervenção na sua realidade, viabilizando, assim, seu letramento digital. A nova experiência



de ensino, proposta pelo ensino remoto, faz um convite a professores e alunos a se adequarem e usufruírem de diversas formas dos meios digitais, dentre eles, a internet.

Segundo Valente (2005, p. 41), “a internet está ficando cada vez mais interessante e criativa, possibilitando a exploração de um número incrível de assuntos. Porém, se o aprendiz não tem um objetivo nesta navegação, ele pode ficar perdido”. Apesar de o autor ter feito essa afirmação há 15 anos, esse pensamento continua fazendo sentido até os dias atuais. O fato de estar submerso em redes de navegação não é garantia de cumprir determinadas tarefas satisfatoriamente. Por isso, a mediação e direcionamento do professor em atividades que exigem a navegação em ambientes virtuais torna-se essencial para nortear o aluno.

A esse respeito, é importante que o professor disponha de estratégias de letramento digital que conduzam o aluno tanto a manusear ferramentas digitais quanto a navegar nos ambientes virtuais, construindo seus conhecimentos. No que se refere às estratégias de navegação na *web*, para Coscarelli (2016, p. 75), estas são similares às estratégias que usamos para leitura em meios impressos, uma vez que “envolve a busca, a localização, a avaliação e a seleção de informações, a fim de encontrar ou coletar informações que ajudarão na realização de uma tarefa”.

As estratégias que o professor deve utilizar ao propor a navegação na *internet* são definidas por Coscarelli (2016) como: monitorar, ou seja, estar atento para os erros e propor meios de revisões; estabelecer conexões entre o texto e o leitor; identificar as ideias mais relevantes do texto; levantar perguntas, antes, durante e depois da leitura; analisar, criticar e refletir sobre as ideias encontradas; usar a imaginação; utilizar elementos do texto para produzir informações não explicitadas nele; integrar e articular as ideias principais do texto; reconhecer a ideia principal do texto, fazendo reflexões e interpretações.

Ao fazer a análise desses procedimentos, podemos concordar com a referida autora quando defende que há similaridade entre as estratégias da leitura em meios impressos e a leitura em tela. Nesse sentido, a navegação em ambientes virtuais precisa ser direcionada e, na situação de ensino e aprendizagem, é necessária a atuação do professor no uso dessas estratégias. Assim, o professor pode planejar atividades que conduzam o aluno a monitorar seus próprios erros, identificar ideias importantes na pesquisa, questionar a si mesmo, levantar crítica sobre o conteúdo pesquisado, inferir informações relevantes, entre outras habilidades.

Obviamente, nem todas as estratégias previstas para esse intermédio poderão ser colocadas em prática ao mesmo tempo, mas este exercício de conduzir o aluno a navegar com objetivos estabelecidos colabora para que ele possa atingir o objetivo de estudo.



Se, no ensino presencial, os trabalhos de pesquisa na internet exigem a mediação e orientação do professor, no ensino remoto, essa realidade não é diferente. No entanto, essa mediação feita à distância torna o trabalho docente ainda mais desafiador. Esse desafio é mais evidente para alunos das séries iniciais do ensino fundamental, fase em que o acesso aos meios digitais, muitas vezes, limita-se mais a jogos do que a atividades de pesquisas.

Nesse sentido, para o trabalho com alunos dessa modalidade de ensino e de tantas outras, o uso da internet exige algumas habilidades. Para Coscarelli (2016), essas habilidades dizem respeito a reconhecer as ferramentas de busca, ler e compreender os resultados que as buscas oferecem, identificar quais *links* dos resultados da busca podem ser úteis, reconhecer a presença de *links*, canalizar informações relevantes para o que está procurando e outras.

O trabalho de navegação esbarra na dificuldade do aluno pelo fato de ele não estar habituado a essa dinâmica de uso. Mesmo assim, as habilidades propostas pela autora precisam ser colocadas em prática ainda nas séries iniciais, a fim de que os estudantes se habituem. Por isso, concordamos com Coscarelli (2016, p. 78), quando defende que “navegar requer habilidades de leitura para olhar para a informação e construir sentido a partir daquela busca”.

Em síntese, fica evidenciado que a leitura é um fator importante para as atividades de navegação na internet, isso porque, como afirma Coscarelli (2016, p. 78), “ler inclui usar a compreensão construída na navegação, assim como usar os textos selecionados para conseguir mais informação, construir um sentido mais profundo do tópico, reunir mais evidências para os sentidos construídos e cumprir a tarefa da melhor maneira possível”.

Diante disso, infere-se que, para obter êxito nas atividades propostas de pesquisa e promover práticas de letramento digital, o professor precisa conhecer a realidade da turma, bem como os limites e capacidades que seus alunos apresentam. Os trabalhos que requerem o uso da internet, seja no ensino presencial ou remoto, não podem deixar de levar em consideração as habilidades e estratégias de leitura e navegação citadas anteriormente.

Ao passo que as tecnologias se mostram como aliadas nesse momento de distanciamento do espaço escolar, elas descortinam, também, os desafios a serem encarados por professores e alunos no engajamento dessas ferramentas na realidade do ensino.

METODOLOGIA

A pesquisa foi tipificada como pesquisa-ação, pois “além de compreender, visa intervir na situação, com vistas a modificá-la” (SEVERINO, 2007, p. 120). Quanto à sua abordagem,



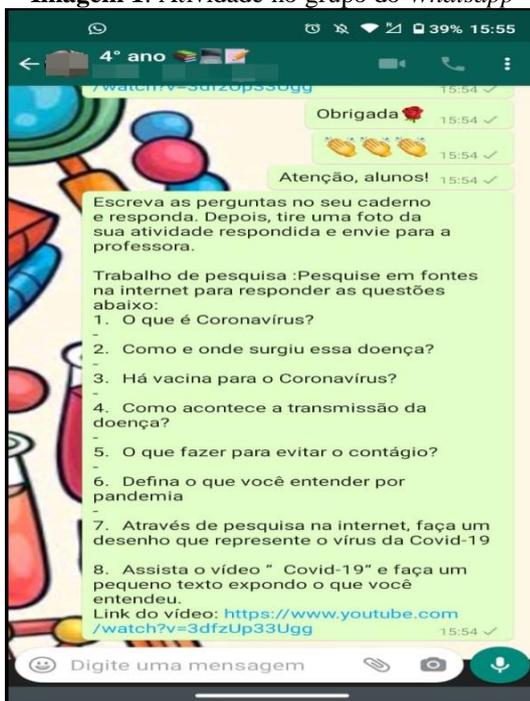
seguiram-se as características da pesquisa qualitativa, já que foram feitas “diversas inferências epistemológicas” (SEVERINO, 2007, p. 119) do ponto de vista subjetivo.

O estudo teve como público-alvo 15 alunos do 4º ano de uma escola municipal localizada no interior da Paraíba. Para aplicação da pesquisa-ação, elaborou-se uma proposta didática, que consistia em um trabalho de pesquisa na *internet* para os alunos. O trabalho, composto por oito questões, foi enviado, pela professora da turma (uma das autoras deste trabalho), aos estudantes através do aplicativo *WhatsApp*. As questões foram elaboradas tendo como tema o “coronavírus” e os alunos tiveram que fazer buscas na internet para responder às indagações propostas. Para a devolutiva desta tarefa, os alunos fotografaram a atividade respondida, utilizando o celular, e encaminharam para a professora, via *WhatsApp*. A pesquisa foi aplicada no mês de julho de 2020, época em que o ensino remoto era uma realidade vivenciada no país.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A proposta de pesquisa na *internet* foi apresentada aos alunos por meio do grupo de *Whatsapp* da turma, criado pela professora no início do ano letivo, que se certificou de que todos os alunos tinham acesso ao celular e à conexão. A intenção era fazer com que os discentes navegassem na internet, a fim de obter respostas relacionadas ao tema coronavírus, como mostra a imagem a seguir:

Imagem 1: Atividade no grupo do *Whatsapp*



Fonte: Captura de tela feita pela pesquisadora.



De acordo com esta proposta, as perguntas sugeridas pela professora, além de se caracterizarem como subjetivas, também abriram espaço para os alunos exporem suas habilidades artísticas, por meio de desenhos, como também, oferecem acesso a vídeos relacionados à temática abordada, conforme expresso nas perguntas 7 e 8. Como se trata de uma turma de 4º ano, alguns erros ortográficos são comuns de serem encontrados, porém, foram corrigidos no momento da transcrição, conforme veremos a seguir.

Com a finalidade de introduzir os alunos na temática, a primeira questão lançada foi: “o que é coronavírus?”. As respostas obtidas, através das pesquisas na internet, foram semelhantes, descritas como “Uma doença”, “É o nome de uma família de vírus que tem uma estrutura em formato de coroa”, “A Covid-19 é uma doença causada pelo coronavírus, denominado SARS - Cov2 que apresenta um espectro clínico variando de infecções assintomáticas a quadros graves”, “É uma família de vírus que causa infecções respiratórias” e “É uma doença muito perigosa”.

As afirmações acima nos levam a compreender que os *sites* visitados foram semelhantes para muitos alunos, uma vez que algumas respostas expressas apresentam a mesma informação. Por outro lado, temos alunos que limitaram suas respostas a definir o coronavírus apenas como “doença”, o que sugere que eles, possivelmente, não tenham explorado com mais profundidade a pergunta.

Na segunda questão, os alunos teriam que responder “como e onde surgiu essa doença”. A maioria das respostas obtidas indica a China e/ou a cidade de Wuhan como lugar de origem. Outros acrescentam que “a doença foi transmitida pelo morcego” e que foi descoberta em “31/12/2019, após registros da doença na China”. As informações que indicam a transmissão da doença através do morcego chamam atenção para o fato da influência da circulação de *Fake News* (Notícias falsas), já que ainda não há evidências científicas que comprovem o referido animal como único vetor inicial do surto. Essa resposta traz uma relevante oportunidade para o professor abordar com os alunos a prevalência das *Fake News* nos canais de comunicação dos dias atuais, alertando-os sobre a importância de certificar a veracidade das informações obtidas nos canais da *web*.

Na questão seguinte, os alunos foram questionados se “há vacina para o coronavírus”. O intuito da questão era fazer com que os discentes pesquisassem e fossem conhecedores de como está o andamento das possíveis descobertas de vacina. Nesse quesito, obtivemos respostas como “Não”, “Não há vacina para essa doença ainda”, “Algumas vacinas estão em teste”, “Ainda estão pesquisando para ver se descubrem alguma solução”, “Existem vacinas em testes



no Brasil que começarão a ser testadas a partir de agosto”. As respostas revelam que alguns alunos se limitaram a responder “não” e outros que intensificaram a sua busca até descobrir que há previsão para o início de testes. Essas respostas revalidam que a internet é uma aliada para reforçar o instinto questionador e pesquisador do aluno.

Na quarta questão, indagamos como “acontece a transmissão da doença”. A maioria das respostas convergem para “a transmissão acontece de uma pessoa para outra através de contato próximo”, “através de aperto de mão”, “através do contato com infectados por meio de secreções como gotículas de saliva, espirro, tosse”, “pelo ar, por meio da tosse, toque, contato com objetos que pessoas infectadas tocaram”. Tais respostas demonstram que os alunos parecem estar bem informados sobre os meios de contágios da doença, ou, até mesmo, que eles descobriram, através da internet, outras formas de transmissão da doença, diferentes das que eles já sabiam.

Em seguida, os alunos foram questionados sobre “o que fazer para evitar o contágio”. A questão revelou respostas, como:

Aluno 1: Evitar ambiente com muitas pessoas.

Aluno 2: Lavar as mãos com sabão ou álcool em gel, manter a distância de uma pessoa que estiver tossindo ou espirrando.

Aluno 3: Ficar em casa, usar máscara e lavar sempre as mãos.

Aluno 4: Lavar bem as mãos.

Aluno 5: Sempre lavar as mãos e evitar aglomeração e não sair de casa sem usar máscara.

Aluno 6: Evitar tocar olhos, nariz e boca. Evitar contato próximo de pessoas doentes.

Aluno 7: Evitar contato próximo com pessoas doentes e cobrir boca e nariz quando tossir.

Aluno 8: Lavar as mãos frequentemente.

Aluno 9: Lavar as mãos com água e sabão ou álcool em gel.

Aluno 10: Medidas básicas de higiene, como lavar as mãos e utilizar lenço descartável para higiene nasal.

Aluno 11: Evitar ficar em aglomeração de pessoas.

Aluno 12: Lavar as mãos sempre e cobrir o rosto com o braço ao tossir.

Aluno 13: Sempre lavar as mãos com água e sabão.

Aluno 14: Lavar as mãos com água e sabão e utilizar lenço descartável para higiene nasal. Cobrir o nariz e a boca com lenço de papel, quando espirrar ou tossir, e jogar o lenço no lixo.

Aluno 15: Lavar as mãos com água e sabão.

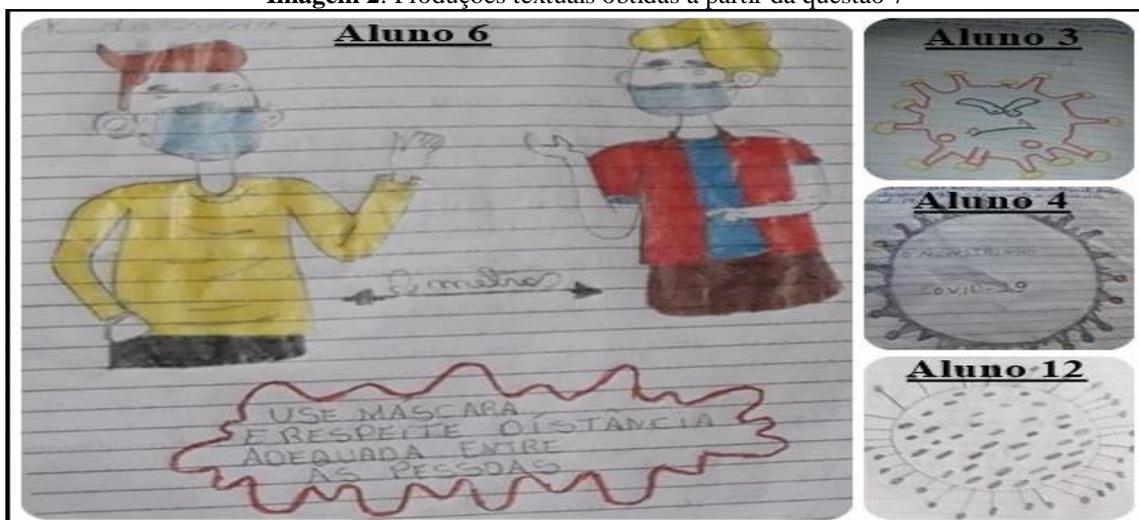
As respostas revelam que os alunos pesquisaram em *sites* semelhantes, uma vez que as respostas possuem similaridade. Por outro lado, por se tratar de medidas básicas de prevenção, era natural que estas fossem citadas repetidas vezes. No entanto, fica evidenciada a importância da pesquisa para consolidar conhecimentos que os alunos já sabem, como também para descobrir informações que não eram do seu repertório de conhecimento.



Na sexta questão, perguntamos aos alunos o que eles entendiam por “pandemia”. As respostas obtidas foram variadas. Algumas se distanciavam da real resposta, quando alegavam ser “uma doença para ficar em casa”, outras se aproximaram, superficialmente, quando declaravam, em suas respostas, “Doença contagiosa”, “vírus que mata pessoas”, “doença resistente que se espalha muito rápido” e outros apresentaram respostas mais precisas, como: “doença que se espalha por diversas regiões do planeta”, “doença que se espalha rapidamente pelo mundo todo” e “doença epidêmica amplamente disseminada no planeta”.

Com a finalidade de dinamizar a atividade, solicitamos que os alunos navegassem na internet e pesquisassem imagens que representassem o vírus da Covid-19. Posteriormente, os alunos teriam que realizar seus próprios desenhos. Vejamos algumas produções textuais dos alunos:

Imagem 2: Produções textuais obtidas a partir da questão 7



Fonte: Arquivo das pesquisadoras.

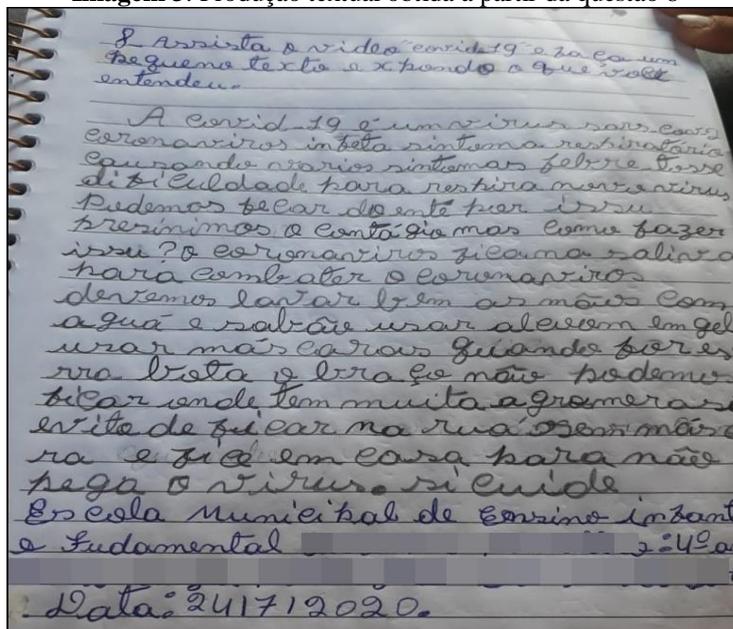
Algumas imagens revelam que os alunos já têm a compreensão de como é a estrutura do vírus, o que denota que a pesquisa pode ter ampliado seu campo de compreensão quanto às características que o compõe. Já na concepção do aluno 6, o vírus foi compreendido para além de seu formato físico, ou seja, o vírus foi entendido como uma mudança de hábitos no que diz respeito ao isolamento e ao distanciamento social, como também ao fato do uso de máscaras. Desse modo, podemos inferir que o aluno não assimila o coronavírus apenas como uma doença, mas como uma nova realidade, em que a adoção de hábitos deve ser tomada para garantir a segurança e convivência.

Por fim, para agregar à pesquisa diferentes meios de construir conhecimento, lançamos a proposta de um vídeo. Este foi disponibilizado através de um *link* e a proposta consistia em fazer com que os alunos assistissem e, posteriormente, produzissem um pequeno texto, expondo



suas inferências. Esse momento foi muito proveitoso, pois, além de proporcionar um conteúdo audiovisual (com imagens, sons e narração oral), foi possível desenvolver práticas de escrita e produção, a partir do ponto de vista de cada aluno. Como destaque, evidenciamos o texto do aluno 4:

Imagem 3: Produção textual obtida a partir da questão 8



Fonte: Arquivo das pesquisadoras

Foi possível constatar que as produções foram satisfatórias, pois através do vídeo, os alunos puderam ampliar seu campo de compreensão em torno do coronavírus, bem como desenvolver sua autonomia e seu senso crítico perante à temática proposta.

As respostas obtidas em todas as questões reforçam que o uso da internet mediado pelo professor pode trazer benefícios para o aluno, uma vez que, tendo um direcionamento, o aluno conseguirá explorar tal recurso com mais clareza.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao traçar como objetivo de pesquisa investigar como as tecnologias, a partir da mediação docente, facilitam o aprendizado, colaborando para o letramento digital do aluno e para a consolidação do conhecimento, em tempos de pandemia, consideramos que a proposta de pesquisa atingiu o resultado esperado.

O letramento digital não inclui somente práticas de leitura e escrita em ambientes digitais, mas o uso destas práticas nas situações cotidianas. Desse modo, podemos concluir que o estudo trouxe contribuições positivas, uma vez que se comprovou que é possível utilizar meios tecnológicos para ampliar os conhecimentos e utilizá-los em situações cotidianas. O



estudo revelou, também, que o uso da *internet* e a mediação do professor traz benefícios significativos para o aluno, pois o planejamento didático apropriado no uso dessa ferramenta é um caminho norteador para a navegação em ambientes digitais. Desse modo, enalteçemos o uso das TDIC como colaboradoras no processo de ensino, sem desvalidar a influência do professor como mediador desse processo.

REFERÊNCIAS

ARANHA, Simone Dália de Gusmão; NASCIMENTO, Iara Costa. Letramento Digital com o Software Publisher: uma experiência no ensino fundamental. *In: XXV JORNADA NACIONAL DO GELNE*, 2014, Natal. **Anais** [...]. Natal: EDUFERN, 2014. v. Unico. p. 1242-1250. Disponível em: <<http://www.gelne.com.br/arquivos/anais/gelne-2014/anexos/1242.pdf>>. Acesso em: 20 jul. 2020.

COSCARELLI, Carla Viana. Navegar e ler na rota do aprender. *In: COSCARELLI, Carla Viana. Tecnologias para aprender*. 1.ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2016.

COSCARELLI, Carla Viana; RIBEIRO, Ana Elisa. **Letramento digital**: aspectos sociais e possibilidades pedagógicas. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

LETRAMENTO Digital e Ensino Remoto: reflexões sobre práticas. Produção de Ana Elisa Ribeiro. Gellite UFAL. Youtube, 2020. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=XgaTuaZH8O0>>. Acesso em: 21 jul. 2020.

RIBEIRO, Ana Elisa. Que futuros redesenhamos? Uma releitura do manifesto da Pedagogia dos Multiletramentos e seus ecos no Brasil para o século XXI. **Diálogo das Letras**, Pau dos Ferros, v. 9, p. 1-19, 2011, 2020.

RIBEIRO, Ana Elisa. Como centenas de nativos digitais da minha escola leem 'ícones'. *In: 4º SIMPÓSIO HIPERTEXTO E TECNOLOGIAS NA EDUCAÇÃO*, 2012, Recife. **Caderno de Resumos**. Recife: UFPE, 2012. v. 1. p. 1-20.

RIBEIRO, Ana Elisa. Letramento Digital: um tema em gêneros efêmeros. **Revista Abralim**, Belém, v. 8, n. 1, p. 15-38, jan./jun. 2009.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do trabalho científico**. 23. ed. São Paulo: Cortez Editora, 2007. v. 1. 304 p.

SOARES, Magda. Novas práticas de leitura e escrita: letramento na cibercultura. **Educ. Soc.**, Campinas, vol. 23, n. 81, p. 143-160, dez. 2002.

VALENTE, José Armando. Pesquisa, comunicação e aprendizagem com o computador: o papel do computador no processo ensino aprendizagem. *In: ALMEIDA, M. E. B. de; MORAN, José Manuel (Orgs.). Integração das tecnologias na educação*. Brasília, DF: MEC/SEED, 2005.

ZACHARIAS, Valéria Ribeiro de Castro. Letramento digital: desafios e possibilidades para o ensino. *In: COSCARELLI, Carla Viana (Org.). Tecnologias para aprender*. 1.ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2016.